

5

Considerações finais

*Os educadores são escultores da emoção.
Eduquem olhando nos olhos, eduquem com
gestos: eles falam tanto quanto as palavras.*

(Cury, 2003: 125)

5.1

Considerações finais

A busca pelo entendimento da sensação de prazer e sucesso nas nossas aulas motivou-me a investigar a minha própria prática pedagógica. Para tal investigação, fiz uma revisão seletiva da literatura sobre a sala de aula como uma arena de interações e uma comunidade de prática, sobre o afeto e o papel que este exerce na prática pedagógica, o conceito de crenças, a visão de linguagem, de aprendizagem e de ensino. Desta forma apresentei e discuti minhas crenças e as crenças dos meus alunos em relação às minhas ações em sala de aula. O paradigma da Prática Exploratória foi a metodologia utilizada para investigar o discurso pedagógico e minha prática pedagógica com o objetivo de construir entendimentos que iluminassem as relações entre os participantes, os processos de construção de conhecimento e as inter-relações na sala de aula.

A interpretação das informações obtidas ao longo do processo de investigação me permite entender que ao lecionar preocupo-me tanto com a natureza e a necessidade afetiva quanto com a cognitiva. A motivação parece contribuir de forma primordial para o estabelecimento de relações harmoniosas entre mim e os meus alunos. Nossas relações estão permeadas de afeto positivo e este fato talvez justifique a facilidade na aquisição do conhecimento. A análise das minhas ações e das crenças dos alunos indica que o feedback afetivo externo proporcionado influencia a vontade que o aluno tem de continuar a tentar se comunicar, embora possa já ter recebido algum feedback negativo que não tenha

tido grande importância. A declaração do aluno Marcelo reforça esta minha interpretação:

O processo motivacional que você empenha aos alunos no propósito que estes se esforcem em utilizar as estruturas aprendidas da melhor forma possível, e enfocando, sempre que possível, os pontos positivos dos alunos, motivando-os a permanecer no patamar alcançado e porque não dizer, inspirando-os a obter resultados melhores. Outro ponto importante neste tópico são as constantes palavras de elogio e incentivo feitos diretamente ao grupo, como sendo um grupo capaz de enfrentar os mais diversos desafios.

Stevick (1999:51) diz que “a eficácia do feedback afetivo externo vem do desejo que o aluno tem de identificar-se com um grupo, ou dissociar-se deste”. A receptividade e a interpretação do meu feedback quando o aluno diz que valorizo o seu conhecimento ao invés de enfatizar seus erros me fez compreender a influência do feedback afetivo externo.

A interpretação das informações também me ajudou a entender como as relações são estabelecidas de forma harmoniosa em minha sala de aula e como cada relação pode contribuir positivamente para a criação de uma atmosfera propícia ao processo ensino-aprendizagem e como, através de uma alta configuração afetiva, eu posso melhor aproveitar a capacidade cognitiva de meus alunos.

Os meus entendimentos revelam que minha prática pedagógica reflete as minhas crenças, que são o resultado da minha experiência discente e docente e que também são informadas e influenciadas pelo instituto no qual a pesquisa foi realizada. Meus entendimentos revelaram também que minhas crenças são influenciadas pelas crenças dos meus alunos e estão sujeitas a modificações. Ou seja, meu sistema de crenças pode ser influenciado pelas crenças dos meus alunos, assim como suas crenças podem ser influenciadas pelas minhas. Percebo, assim, uma relação dialógica entre nossos sistemas de crenças.

Ao refletir sobre as informações obtidas percebi que a conscientização dos alunos sobre os processos de ensino e aprendizagem, e sua participação nas decisões que dizem respeito a sua aprendizagem são de suma importância para o desenvolvimento mútuo dos participantes de nossa turma, por mim percebida como uma verdadeira comunidade de prática exploratória. Através das nossas discussões em sala de aula, na realização das atividades, explorando questões que

nos intrigam, eu e meus alunos construímos discursivamente uma consonância entre nossos objetivos. Desta forma, ao satisfazer as nossas necessidades afetivas e cognitivas criamos uma atmosfera de prazer e sucesso.

Nossas aulas são permeadas de sentimentos positivos como amizade, harmonia, felicidade, prazer e sucesso. Além disto, ao estimular a empatia, auto-estima, motivação, entre outros fatores emocionais positivos, fazemos da sala de aula um espaço para lidar com diferentes tipos de realidade presentes na arena de interações humanas que é a sala de aula. A reflexão sobre minha própria prática pedagógica deixou claro que o bom humor tem papel de destaque nas minhas aulas, pois como muito bem descreveu meu aluno Roberto, “o professor tem que saber dar graça e vida aos temas que são abordados em sala de aula, por mais banais que estes sejam porque ninguém quer estudar com um professor sisudo”.

Gostaria de reforçar a importância da Prática Exploratória nesta pesquisa e na minha prática pedagógica que, ao priorizar a qualidade de vida, me estimula a integrar vida e trabalho.

Não posso deixar de mencionar uma descoberta que me foi proporcionada por esta pesquisa: meu talento para contar histórias. E, mais uma vez, cito meu aluno Roberto:

Cada dia parecemos ter aula com uma professora diferente, você não deixa a aula cair na rotina e sempre tem um comentário engraçado para fazer e consegue associar uma história engraçada ao tema que estamos estudando.

A constatação da convergência entre nossos sistemas de crenças aponta para a importância de desenvolver a autonomia dos alunos fazendo deles cidadãos mais responsáveis. A Prática Exploratória viabiliza isto de forma bem simples: tornando os alunos parceiros dos processos que ocorrem em sala de aula, prontos a trabalharem juntos para o desenvolvimento mútuo na busca pela qualidade de vida.

A partir de minha vivência como professora-pesquisadora e autora desta dissertação orientada pela Prática Exploratória, espero que outros colegas se sintam estimulados a conduzir investigações semelhantes em seus contextos pedagógicos. A intenção não seria a de ‘validar’ os entendimentos obtidos por mim e por meus alunos e sim criar oportunidades para que outros entendimentos locais surjam em outras Comunidades de Prática Exploratória.

O desenvolvimento de uma pesquisa que vise o papel do aluno como investigador da sua própria aprendizagem com foco na influência das crenças dos alunos sobre as crenças do professor é também uma sugestão de pesquisa que poderia vir a contribuir para um maior entendimento na área de crenças.

Alinho-me com Freire (1996:135) quando ele assinala que,

minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer.

Foi através desta busca pelo entendimento que pude constatar que é possível fazer da nossa sala de aula um espaço exploratório para mim e meus alunos. Gostaria de realçar a importância desta pesquisa na minha vida pessoal e profissional pois seguramente os entendimentos obtidos fortaleceram as relações harmoniosas já existentes dentro e fora de nossa sala de aula. Isto se tornou possível porque meus alunos eram praticantes exploratórios tanto quanto eu. Minha pesquisa me permitiu, ainda, compartilhar meus entendimentos com meus alunos que acompanharam de perto todo o processo e também a conclusão desta dissertação, o que para mim é de suma importância pois em nenhum momento me vi sozinha nesta busca pelo entendimento. Assim, me alinho com os princípios da Prática Exploratória que propõem ‘trabalhar para a união de todos’ e ‘fazer com que o trabalho seja contínuo e não uma atividade dentro de um projeto’.